



A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL

André Albuquerque*

Marcos Rogério Chiesa Ketelhut**

István Mészáros é um filósofo marxista húngaro. Professor da Universidade de Sussex, na Inglaterra, ensinou filosofia na Universidade de York. Realizou diversos trabalhos sobre as teorias marxistas. Publicou vários livros, inclusive alguns editados no Brasil, como *Para além do capital*, de 2002, e *Atualidade histórica da ofensiva socialista*, de 2010, editados pela Boitempo Editorial. No primeiro número da revista *Margem Esquerda* (2003), da mesma editora, Mészáros escreveu um artigo sobre economia, política e tempo disponível.

O livro *A educação para além do capital*, de István Mészáros (Boitempo Editorial, 2005), foi escrito para a abertura do Fórum Mundial de Educação realizado em Porto Alegre, em 28 de junho de 2004, e teve a tradução brasileira feita por Isa Tavares.

Mészáros analisa os processos educativos em uma sociedade capitalista. O livro está dividido da seguinte forma: "Apresentação", "Prefácio", "A educação para além do capital" e "Obras do autor". A divisão do texto, título do livro, se faz da seguinte maneira: "Epígrafe"; "A incorrigível lógica do capital e seu impacto sobre a educação", "As soluções não podem ser apenas formais: elas devem ser essenciais"; "A aprendizagem é a vida, desde a juventude, até a velhice" e "A educação como transcendência positiva da auto-alienação do trabalho".

Ele nos oferece uma análise crítica e profunda dos processos educativos em um sistema capitalista. Abre a sua conferência/texto com três citações: Paracelso, José Martí e Karl Marx, o que já indica as concepções do autor, pois não é possível pensar em um processo educacional separado da vida em sociedade, tendo em vista que esta se faz ao longo da vida e não tem hierarquias estandardizadas.

Ao longo de sua obra, Mészáros nos fornece orientações sobre o que é a verdadeira educação, que não é negócio, e sim criação. Portanto, a educação vigente nas escolas deveria preparar para a vida e não para o mercado de trabalho, e sua função como propulsora de

* Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professor de História do ensino médio da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

** Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professor de Sociologia do ensino médio da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Fundação Casa).

conhecimento deve desvincular o aluno do individualismo capitalista, que permeia as relações de competição norteadas atualmente pelo sistema vigente.

Nesse sentido, é imprescindível separar o homem emancipado pelo trabalho do homem explorado pelo trabalho. A relação trabalho *versus* homem extrapola as ações diretas em sala de aula, seja ela acadêmica ou não.

Tal projeto de educação não fica restrito ao universo escolar ou universitário, pois vai ao encontro dos espaços públicos e se abre para o mundo. Mészáros reflete sobre o papel da educação na construção deste outro mundo possível, sobre uma educação que deveria estar voltada para o ser humano e não para sua atividade de trabalho, já que o grande desafio que se impõe é o de se constituir uma educação que realize as transformações políticas, econômicas, culturais e sociais necessárias.

No início de sua conferência, Mészáros cita dois exemplos de reformistas iluministas: Adam Smith e Robert Owen. Sob a ótica do autor, o capitalismo é incorrigível, portanto todas as reformas que ocorrem (e que ocorreram) são apenas exemplos de paliativos, pois

[...] as mudanças sob tais limitações, apriorísticas e prejudicadas, são admissíveis apenas com o único e legítimo objetivo de corrigir algum detalhe defeituoso da ordem estabelecida, de forma que sejam mantidas intactas as determinações estruturais fundamentais da sociedade como um todo, em conformidade com as exigências inalteráveis da lógica global de um determinado sistema de reprodução (MÉSZÁROS, 2005, p. 25).

Dando prosseguimento à sua conferência, Mészáros afirma que as soluções não podem ser apenas formais: elas devem ser essenciais, pois as instituições são reflexos da própria sociedade em que estão inseridas. Nesse sentido, se as mudanças e as intervenções não forem estruturais, o sistema de reprodução permanecerá intacto, pois a escola, como parte desse processo, surge e adquire diversas feições (moral, técnica, assistencial), dependendo do período e contexto histórico vigente, como supridora dos ideais da família "burguesa", do capital e de suas imbricações.

De acordo com Mészáros (2005, p. 45), "uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou 'consenso' quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados".

Em primeiro lugar, a escola é fruto de uma visão de mundo capitalista e, em segundo, reifica tal visão de mundo. O que nos leva a uma indagação: seria possível um mundo sem a educação formal, tendo em vista que tal projeto educacional é fruto e desdobramento do capitalismo?

A partir do momento em que ocorreu a ruptura entre os objetivos públicos e privados, o indivíduo passou a existir separadamente da sociedade, perdendo-se da relação comunal de outrora e que, mesmo com as contradições existentes, eles adquiriam um conhecimento. A escola surge, portanto, para substituir a comunidade e acaba reproduzindo o que, de fato, a

sociedade é. Nesse sentido, a escola, como instituição (necessária e que se fez necessária) se tornou um aparelho ideológico do capital.

Além do fato de que, na sociedade capitalista, a própria escola é uma mercadoria (no sentido *lato* e *stricto* do termo). Portanto, a metodologia escolar não é reflexiva nem fornece espaço para reflexão: aprende-se a todo momento, mas o que se aprende? E como se faz esse aprendizado?

Para Mészáros, o que dita as regras educacionais é o sistema econômico que aprisiona a força de um aluno reflexivo, pois a educação nos dias de hoje está condicionada ao processo de "interiorização" das condições de legitimidade do sistema que explora o trabalho como mercadoria, para induzi-los à sua aceitação passiva.

O conhecimento humano extrapola o universo escolar, pois sempre houve uma antropomorfização do conhecimento na história da humanidade, de modo que não valorizamos o conhecimento do "senso comum", pois este não tem o cabedal sofisticado utilizado pela ciência. Valoriza-se esta última em detrimento da vida, portanto Mészáros não vê sentido no atual modelo de educação.

A escola, do ponto de vista do capital, cumpre a função na divisão social do trabalho, pois, com as reformas que ocorreram a partir do século XVIII, no nascente capitalismo, cria-se a ilusão de que cabe a ela a responsabilidade pela ruptura dessa situação dicotômica. Nenhuma visão de mundo é neutra, assim como a da ciência, que se estabeleceu inclusive no interior e por meio da escola.

Fala-se em sujeitos "empreendedores", solução por "projetos", "competências e habilidades", "flexibilidades" e que estes gerarão mais cidadania, mais emprego, mais cotas, mais renda etc., mas nunca se fala em mudanças, pois, quando se abandona a luta de classes, surge o consenso. Não é à toa que o discurso dominante coincide com a crítica que se faz desse mesmo discurso, uma vez que a escola na atualidade já não consegue mais suprir o capital com mão de obra, como outrora supriu.

Portanto, é necessária uma transformação social (radical) que leve a uma emancipação de fato, no sentido de livrar-se das relações de dominação, e não a uma emancipação vista como empoderamento, e este como corolário de cidadania, emprego etc. Em outros termos, o discurso da modernidade associou uma visão de mundo, na qual apenas a inclusão no sistema capitalista é vista como emancipatória, quando muito, um sujeito alienado.

Ser emancipado, na visão de Mészáros, significa mudar uma visão de mundo, pois envolve um indivíduo não mais alienado, mas um sujeito histórico, capaz de assumir o seu lugar no mundo. De acordo com Marx, a realidade é que determina a consciência e não o contrário.

Uma outra questão se coloca: para que serve então a educação se não for para lutar contra a alienação? De uma forma um tanto simplificada, para causar estranhamento no mundo produzido pelos próprios homens. Tais indagações possibilitam ao leitor uma visão crítica e reflexiva sobre o papel da educação e do educador na (sua) atuação docente.

Quanto a essa questão da dicotomia escola e ciência, aquela vai se adequando à transição da ciência moderna, de modo que, como está configurada, só serve para separar os que vão administrar o capital daqueles que trabalharão para ele. Portanto, de uma educação para "alguém" do capital, urge, conforme atesta a veemência da conferência de Mészáros, uma educação para "além" do capital.

De todo modo, o livro de Mészáros nos inspira. Para os interessados em conhecer as teorias de um autor combativo que não se conforma com o estado do sistema educacional, tendo em vista que não se separa da vida, a obra de Mészáros é uma importante ferramenta de análise e compreensão. É nesse sentido que podemos dizer que o livro de Mészáros nos inspira a não permanecer no *status quo*.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. 128 p.